

APRESENTAÇÃO

Este número da *Revista Interfaces* foi pensado para celebrar as *Quatro Estações* e acolher pesquisas e reflexões sobre o tempo que passa por nossa finitude e o tempo que sempre retorna. O tema das Quatro Estações inspirou arquitetos, compositores, escultores, pintores e poetas: diversas visões do tempo foram projetadas por linhas, cores, sons, formas e volumes, em construções e poemas, alegorias e descrições, sinfonias e balés, e também em quadros, esculturas e gravuras. Algumas das mais representativas obras de arte e da literatura, versando sobre esse tema, encontram neste número mais um registro.

A interpretação do tema é inaugurada com o ensaio de autoria de Henrique Fortuna Cairus e Tatiana Oliveira Ribeiro, *Alguns olhares gregos sobre as estações do ano: temporalidade e etnocentrismo*. Os autores propõem uma leitura de textos da Antiguidade que pontua o tempo cíclico abordado pelos textos médicos dos gregos antigos, em contraste com o tempo linear construído por seus historiadores, aquele que inscreve “o homem no tempo”. Os ensaístas nos levam a uma reflexão sobre um modo de pensar a alteridade, a partir de um quase determinismo tributário da natureza, o do clima e das estações do ano, que veio a gerar a dicotomia entre europeus e asiáticos, gregos e bárbaros, e as implicações do clima na natureza humana e seus humores. Tal dicotomia repercute até hoje em nossos tristes tempos de conflitos políticos, étnicos e religiosos, e nos dá o que pensar, gente que somos dos climas amenos.

O tema das Quatro Estações, a seguir, é declinado por Antonio Vivaldi, Eugène Delacroix, Igor Stravinsky, Vaslav Nijinsky e Stéphane Mallarmé, na música, na pintura, na dança e na poesia, em obras que nos convidam a uma viagem pelas artes e a literatura, nos séculos XVIII, XIX e XX. Paulo Roberto Peloso Augusto, em *Il Cimento dell'armonia e dell'invenzione: As Quatro Estações* de Antonio Vivaldi, nos oferece um percurso completo pelas variações climáticas, que se encontram poeticamente representadas por uma pintura musical em uma das obras mais belas da história de nossa cultura. Após apresentar ao leitor esse concerto de Vivaldi para violino solista e orquestra de corda e explicar um contexto histórico em que se acentua a importância do *concerto solista* face ao *concerto grosso*, o pesquisador lê passo a passo os quatro sonetos, que foram atribuídos a Vivaldi, analisando sua correspondência musical. Ao ressaltar o poder sinestésico da composição, o

pesquisador demonstra sua interpretação da obra como uma disputa entre a técnica da composição e execução e a livre criação do artista.

Em *O outono convulsivo: Delacroix e as Estações Hartmann*, Pedro de Andrade Alvim trata do ciclo das *Estações Hartmann*, quatro pinturas realizadas por Eugène Delacroix, pertencentes ao acervo do Museu de Arte de São Paulo, que permaneceram inacabadas, após a morte do pintor. Esse ciclo de alegorias decorativas insere-se na tradição das *paisagens históricas* e corresponde a uma “inflexão neoclassicista na obra madura de Delacroix”, retomando um tema tratado anteriormente por Nicolas Poussin, em quadros realizados por ambos os pintores ao final de sua vida. O tema permite explorar o laço, tecido pela tradição, entre *ciclos naturais* e vida humana, junto com a classificação dos *humores*. Nas *Estações Hartmann* de Delacroix, são narradas cenas mitológicas, que correspondem às quatro estações do ano, agregando novos sentidos às fábulas, em uma representação de paixões e humores, que constituem, aqui, “o elemento desestabilizador introduzido no interior da ordem cósmica”.

Vera Maria Aragão de Souza Sanchez, em *A Sagração da Primavera – a construção da dança na era moderna*, apresenta o balé coreografado por Nijinsky, que estreia em 1913, no recém-inaugurado Théâtre des Champs-Élysées, “com figurinos e cenários de Nicolas Roerich (1874-1947), música de Igor Fiodorovitch Stravinsky e libreto de Roerich e Stravinsky”. Com a colaboração de Marie Rambert, Nijinsky adequou a coreografia aos “diversificados e irregulares elementos rítmicos da partitura de Stravinsky”, criando essa obra especialmente para a companhia *Ballets Russes* de Serge Diaghilev. O balé acentuou a explosão de sensualidade que é associada à primavera, quebrou os parâmetros do balé acadêmico, reinventando seus fundamentos e colocando o corpo em destaque, tendo despertado a reação negativa do público por sua ousadia. A pesquisadora comenta, igualmente, em seu ensaio, as duas remontagens da *Sagração* de Millicent Hodson para o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, na perspectiva de um resgate de memória.

Em *Un tableau, un prélude, un poème: L'Après-midi d'un faune* de Stéphane Mallarmé, Maria Cristina Viana Kuntz interroga as relações intertextuais produtoras de sentido entre o quadro de François Boucher, *Pan et Syrinx*, o poema de Mallarmé, *L'Après-midi d'un faune*, e a obra de Debussy, *Prélude à L'Après-midi d'un faune*. Após uma leitura atenta do poema, a pesquisadora explora a transposição de arte ou *tradução musical* realizada por Debussy, a qual evidencia em sua composição a forte musicalidade dos versos de Mallarmé.

A área de arquitetura e urbanismo contribui, do mesmo modo, para as diversas refrações do tema das Quatro Estações, que geraram a dicotomia tempo cíclico e tempo linear. O ensaio de autoria de Sonia Gomes Wagner e Cristiane Rose

Duarte, *A ambiência peculiar do lugar quintal nas residências da zona norte do Rio de Janeiro*, de certo modo, parece tangenciar o tema, ao refletir sobre os quintais da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Ver o “lugar quintal” à luz do conceito de ambiência – de que um dos traços é a atmosfera – torna explícita sua importância, em termos afetivos e simbólicos, para a compreensão da residência brasileira. E também, ao descrever esses quintais, o ensaio traz descrições que, em sua *horizontalidade*, apontam para o modo carioca, ou seja, um modo *outro* de viver as nossas estações do ano.

E como não evocar as metáforas que comparam as idades do homem com as estações do ano, ao ler *A qualidade do lugar nos residenciais para idosos*, de Siva Alves Bianchi e Giselle Arteiro Nielsen Azevedo? O ensaio que encerra o ciclo das Quatro Estações da *Revista Interfaces* nos faz retornar às reflexões iniciais sobre o tempo que passa e nossa finitude. As pesquisadoras enfatizam a necessidade de tornar flexíveis as residências, levando em conta o considerável e progressivo envelhecimento da população. E, com o propósito de desmistificar “a ideia negativa sobre este tipo de residência”, trazem a descrição de duas casas para idosos na cidade do Rio de Janeiro, inserida em pesquisa sobre as Instituições de Longa Permanência para Idosos, tema que foi desenvolvido na tese de Doutorado de Siva Alves Bianchi, em 2013.

Concluimos este número com a tradução de um ensaio inédito de autoria de Marie-Ève Thérenty, Professora Titular de Literatura Francesa da Universidade Paul-Valéry Montpellier III, *O longo e o cotidiano. Sobre a dilatação midiática dos romances nos séculos XIX e XX*. Afirmamos a tradução como um modo milenar de circulação de novos conhecimentos que vem, assim, contribuir com novas perspectivas de intercâmbio e divulgação de pesquisas para a *Revista Interfaces*.

Celina Maria Moreira de Mello
Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina
Sonia Cristina Reis